

A CRÍTICA DE NIETZSCHE À MORAL CRISTÃ: POR UMA VIDA SEM REFÚGIOS

THE CRITIC OF NIETZSCHE TO CHRISTIAN MORAL: FOR A LIFE WITHOUT REFUGEES

Maurício Eduardo Bernz¹

“Aprendi a andar: desde então corro. Aprendi a voar: desde então, não quero ser empurrado para sair do lugar. Agora sou leve, agora voo...” (Friedrich Nietzsche).

RESUMO

O presente artigo busca, a partir do pensamento de Nietzsche, explicitar a crítica que o filósofo dirige ao cristianismo. O problema da religião cristã, para Nietzsche, consiste em se apostar numa outra vida situada em outro mundo, desvalorizando, assim, esta vida e o mundo presente. Ao não suportar os sofrimentos e angústias da vida, o homem cria, em forma de rebanho e movido por um ressentimento, uma fuga para a metafísica, mesmo que isto exija submeter sua liberdade a uma moral. Nietzsche busca elevar os homens à figura do super-homem, um ser forte que enfrenta todos os desafios da vida sem receios. O super-homem afirma o vir-a-ser, o constante sim à vida, aceitando tudo que dela brotar. Inspirado no espírito dionisíaco, ele ama e vive cada instante da vida, ama seu próprio destino.

Palavras-chave: Metafísica. Cristianismo. Ressentimento. Super-homem. Amor *Fati*.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. *E-mail*: mauricio.bernz@colegiosmaristas.com.br

ABSTRACT

The present article seeks, from the thought of Nietzsche, to make explicit the criticism that the philosopher addresses to Christianity. The problem of the Christian religion, for Nietzsche, is to bet on another life situated in another world, thereby devaluing this life and the present world. By not bearing the sufferings and anguishes of life, man creates, in the form of a herd and moved by a resentment, a flight to metaphysics, even if this requires submitting his freedom to a moral. Nietzsche seeks to elevate men to the figure of the superman, a strong being who faces all the challenges of life without fears. Superman affirms becoming-the constant yes to life, accepting everything that springs from it. Inspired by the Dionysian spirit, he loves and lives every moment of life, loves his own destiny.

Keywords: Metaphysics. Christianity. Resentment. Superman. *Amor Fati*.

INTRODUÇÃO

O ser humano busca incessantemente, ao longo de sua existência, encontrar um sentido para a sua vida. Ele se encontra diante de tantas limitações, e com elas tantos questionamentos, que acaba por ficar desorientado perante tudo aquilo que lhe dá segurança e tranquilidade.

Em meio a tantas dúvidas e questionamentos, o homem acaba por necessitar de algo que lhe dê conforto e mansidão, que lhe dê a tranquilidade que não consegue encontrar no decorrer cotidiano de sua vida. Para suprir essa carência, eis que ele forja a existência de outro mundo, onde ele será destacado, tomará um lugar privilegiado, talvez até se tornando uma figura eminente. Eis que se mostra o vazio sentido pelo homem em sua vida, não conseguindo tomar as coordenadas de sua vida, seus anseios, apelando para algo que é improvável e metafísico, a religião.

O problema do cristianismo, segundo Nietzsche, gira em torno desse mesmo apostar em outro mundo, em outra vida, em detrimento desta vida, deste mundo. O cristianismo reforça a ideia de que a alma é eterna e de que vale mais a vida eterna no além, do que esta vida onde o sofrimento se apresenta. Por isso, diante das dificuldades e amarguras da vida, o homem cristão aprende a recorrer ao seu deus, reforçando sua fé inabalável no além.

Para melhor compreensão do trabalho, optou-se por dividi-lo em duas partes. A primeira, *Cristianismo, expressão da metafísica*, aborda como a instituição religiosa do cristianismo usou da metafísica e do ressentimento para guiar seus fiéis, colocando-os como um rebanho regido por uma moral imposta. No segundo, *Afirmção da vida como superação do cristianismo*, busca-se apresentar a proposta de Nietzsche para superação desse ressentimento, baseando-se na força do super-homem, fundamentada no amor *fati*.

1 CRISTIANISMO, EXPRESSÃO DA METAFÍSICA

1.1 O REVELAR-SE DA METAFÍSICA NO CRISTIANISMO

Em sua obra *O anticristo*, Nietzsche combate a religião cristã com um fervor sem igual, de modo a não poupar críticas fortes e diretas. Nesse livro, Nietzsche perpassa todo um histórico para atingir o miolo de uma estrutura milenar que se institucionalizou, reduzindo a vida terrena ao nada, ao sem sentido. Para Nietzsche, o

cristianismo, usando da corrupção e da perversão dos instintos humanos, inicia uma luta contra o tipo superior de homem. Em sua visão, a concepção cristã de Deus é uma das concepções mais corruptas que se pode dar ao homem.

Porém, no meio de seus ataques desdenhosos e violentos ao cristianismo, mais precisamente ao Novo Testamento², Nietzsche poupa a pessoa de Jesus Cristo. Jesus, para Nietzsche, aceitava sua morte como uma espécie de demonstração de seu ensinamento de doçura e de perdão. Por isso, questionava como um cristão que interpreta essa morte como um horrível sacrifício pode ainda valer-se de seu nome. Daí Nietzsche afirma: “A palavra cristianismo já é um mal entendido – no fundo só há um cristão, e ele morreu na cruz” (NIETZSCHE, 2007, p. 45).

Mas este dito “salvador”, tal como Nietzsche o menciona, não é o fundador de uma Igreja, pelo contrário, ele é a negação de toda organização. Ele se mostra apenas como anunciador da boa-nova, o evangelho da doçura e da benignidade.

Jesus Nazareno é uma nova maneira de existir; é a negação de toda hierarquia do judaísmo; é a negação de toda a fixação e organização da vida, a extrema interiorização na interioridade de um coração que não tem necessidade de qualquer instituição, pois é portador do reino de Deus (FINK, 1993, p. 147).

Uma vez que é tirada de Jesus a responsabilidade do desenvolvimento do cristianismo, Nietzsche a coloca na pessoa do apóstolo Paulo. Em contraste com esse Jesus evangélico, ele vê em São Paulo um desprezo pelos ensinamentos de Jesus. Para o filósofo, São Paulo transforma a prática da vida de um coração puro, ensinada por Jesus, numa instituição com milagres, sacerdotes, repleta de recompensas e de castigos.

Nota-se que a pessoa de Paulo cria o conceito de Além, de juízo final, e outras coisas ditas “supremas”. Com seu pensamento e ensinamento, dá-se início ao uso da moral, torna-se claro o sentimento de culpa, de medo e desespero.

Segundo Nietzsche, São Paulo teria escamoteado a única realidade do cristianismo, a beatitude, o reino de Deus no coração bondoso, isto é, a alegria da bondade, teria transferido a beatitude para além da morte e tê-la-ia interpretado como uma recompensa futura (FINK, 1983, p. 148).

² A Bíblia, livro sagrado do cristianismo, é dividida em dois grandes livros: Antigo e Novo Testamento. O Novo Testamento é inaugurado com a vinda do Messias, Jesus Cristo. Nesse novo testamento (aliança) vemos Jesus Cristo dando sua vida para a salvação dos que creem. Também se destaca no Novo Testamento a inauguração da Igreja, que foi fundada e continuada pelos apóstolos.

Nessa perspectiva, Paulo seria o inventor da doutrina do juízo final e esse seria o meio de que usou para fundar novamente uma tirania sacerdotal e formar um “rebanho”.

Nietzsche afirma:

Paulo quis os fins, portanto quis também os meios [...]. O que ele mesmo não acreditava, acreditavam os idiotas aos quais lançou a sua doutrina. – Sua necessidade era o poder, com Paulo o sacerdote quis novamente chegar ao poder – ele tinha utilidade apenas para conceitos, doutrinas, símbolos com que são tiranizadas as massas, são formados os rebanhos. Qual a única coisa que Maomé tomaria depois do cristianismo? A invenção de Paulo, seu meio para a tirania sacerdotal, para a formação de rebanho: a fé na imortalidade – ou seja, a doutrina do “Juízo” (NIETZSCHE, 2007, p. 49).

Nietzsche, o combatente da metafísica, expressa uma profunda aversão ao cristianismo. Para ele não existe outro mundo senão o nosso, o mundo terreno. Este outro mundo imutável, intemporal, criado pelo cristianismo não passaria de uma mera invenção. Segundo ele, inventaram a noção de “além”, “mundo verdadeiro”, para desvalorizar o único mundo que existe, a verdadeira realidade terrena (NIETZSCHE, 2007).

Para Nietzsche (apud MARTON, 2009), o homem, ao deparar-se com sua própria finitude e na incapacidade de suportá-la, inventou o pensar metafísico e a religião cristã. E fez tudo isso para livrar-se do sofrimento imposto pela morte. Porém, em tomada de tal decisão, teve que pagar um preço alto: teve de negar este mundo, condenando sua vida: “Ao camuflar a dor, hostilizou a vida; ao escamotear o sofrimento, tratou o mundo como um erro a refutar” (MARTON, 2009, p. 82). Com o pensar metafísico, o homem forjou a existência de outro mundo, totalmente imutável. Eis o desejo de uma vida eterna. Porém, ao deparar-se com a realidade, com seu fracasso, nada sobra além de vergonha.

Também vós amais a terra e as coisas terrenas: eu bem vos adivinhei! – mas há vergonha em vosso amor, e má consciência – vós semelhais à lua! A desprezar as coisas terrenas persuadiram vosso espírito, mas não vossas entranhas: mas estas são o mais forte em vós. E agora vosso espírito se envergonha de fazer a vontade de vossas entranhas e, para escapar à sua vergonha, toma caminhos furtivos e mentirosos. (NIETZSCHE, 2011, p. 116-117).

Ora, “fabular sobre um outro mundo, que não este”, adverte Nietzsche, “não tem nenhum sentido, pressupondo que um instinto de calúnia, apequenamento, suspeição contra a vida, não tenha potência em nós”. E acrescenta: “neste último caso, vingamo-nos da vida com a fantasmagoria de uma outra vida, de uma vida melhor” (NIETZSCHE, 2007, p. 29).

O cristão, ou o ressentido, na visão de Nietzsche, tomando princípios transcendentais, acaba por fabricar o ideal ascético³. Ele passa então, a encarar a penitência, a autoflagelação, o sacrifício, a saber, a negação de si como satisfação. O ressentido cria outra vida, quer estar em outra parte, porque nele a vida se encontra em degeneração. Porém, diferentemente do que se poderia pensar, não se trata aqui de uma luta de “vida contra vida”, mas sim luta da “vida contra a morte” (NIETZSCHE, 2007).

Nietzsche, no *Anticristo*, acusa como cerne do problema, o fato de sempre ensinarem os valores de *décadence* como os valores supremos, tomando a moral da renúncia de si, do declínio, buscando sempre o perecimento. E juntamente com essa “decadência”, encontra-se a “espécie parasitária”⁴ de homem, os sacerdotes, os teólogos, os decadentes.

1.2 PARA UMA FILOSOFIA DE REBANHO

Na filosofia de Nietzsche, o homem ressentido, aqui de forma específica a pessoa do cristão, transforma sua fraqueza em virtude e toma para si o mérito da renúncia.

Desde sua criação, a religião cristã empenhou-se em estar sempre na posição de domínio, usando, para isso, as mais variadas formas. Inventou a noção de “pecado”, como instrumento de persuasão e o conceito de “livre-arbítrio” para confundir os instintos. O cristianismo criou a partir desse pensamento, uma moral; usou da mentira para criar uma “verdade” (NIETZSCHE, 2009).

O sagrado pretexto de “melhorar” a humanidade como ardid para sugar a própria vida, torná-la anêmica. Moral como vampirismo

³ Entende-se por Ascetismo o procedimento metódico de renúncia e austeridade corporal, a negação de desejos físicos ou psicológicos, empregado para o progresso da virtude, visando um ideal ou meta espiritual. O termo deriva do grego *askeo*, “exercitar”, “treinar”. Para o cristianismo, pode-se dizer de um suporte metafísico da religião onde se quer o nada. A figura do sacerdote seria a peça central do ideal ascético, pois, além de ser o seu representante mais expressivo, o organizador e defensor do rebanho, é o responsável direto pela introdução da culpabilidade e pela transformação do homem em pecador, através da mudança de direção do ressentimento.

⁴ Termo usado por Nietzsche em sua obra *Ecce homo*.

[...] Quem descobre a moral descobriu com isso o não valor dos valores todos nos quais se acredita ou se acreditou; nada mais vê de venerável nos tipos mais venerados e inclusive proclamados *santos*, neles vê a mais fatal espécie de aborto, fatais porque fascinavam... A noção de “Deus” inventada como noção-antítese à vida – tudo nocivo, venenoso, caluniador, toda a inimizade de morte à vida, tudo enfeixado em uma horrorosa unidade! (NIETZSCHE, 2009, p. 108-109).

Ainda na obra *O anticristo*, Nietzsche afirma que a melhor forma de se enganar a humanidade é usando da moral. O sacerdote, dessa forma, busca tornar o homem “infeliz”; esta foi a lógica usada por ele em todos os tempos⁵. O cristianismo trouxe ao mundo o conceito de “pecado”, a noção de culpa e castigo, fazendo o homem olhar constantemente para dentro de si, limitando-o apenas à visão de seu interior, não lhe dando possibilidade de olhar para fora. Com base nesses fatos, Nietzsche define a moral usada pelos sacerdotes do cristianismo, a elevação de si mesmos.

A realidade é que aí a mais consciente arrogância do eleito posa de modéstia: colocaram a si mesmos, a “comunidade”, os “bons e justos”, definitivamente de um lado, o da “verdade” – e o resto, “o mundo”, de outro [...] (NIETZSCHE, 2007, p. 52).

E para que seja inserida de forma concreta essa moral, os sacerdotes utilizam conceitos como: “Lei, vontade de Deus, livro sagrado, inspiração”, de maneira a criar condições para eles se firmarem no poder. Esses preceitos “se acham na base de todas as organizações sacerdotais, de todas as formações sacerdotais ou filosófico-sacerdotais de domínio” (NIETZSCHE, 2007, p. 68).

Na *Genealogia da moral*, o filósofo analisa o modo pelo qual surge a moral dos ressentidos, a moral do qual nasce o papel do “fraco” e o papel do “forte”, os conceitos de “bem” e “mau”. Destacam-se então dois tipos de homens: o nobre/senhor e o desprezível/escravo⁶. Esses tipos criam duas morais distintas: uma moral de senhores e uma moral de escravos. Desse modo, surgem valores de uma espécie dominante, onde a consciência é a própria diferença frente aos demais, ou de uma espécie dominada e dependente. Explica Nietzsche:

⁵ No § 8 da obra *O anticristo*, o filósofo declara o sacerdote como negador, caluniador, envenenador profissional da vida; como o advogado do nada e da negação.

⁶ Cf. AZEREDO (2003), Bom e mau, bom e ruim.

Há moral de senhores e moral de escravos: acrescento desde logo que em todas as civilizações superiores e mais mistas [...] As diferenciações morais de valores nasceram, seja sob uma espécie dominante, que se sentia bem ao tomar consciência de sua diferença em relação à dominada – ou entre os dominados, os escravos e dependentes de todo grau (NIETZSCHE, 2012, p. 195-196).

O fraco diante dos nobres, corajosos, aqueles que se mostram maiores em força perante ele, criam a ideia de “mau”. Uma vez que conclui esta ideia, ele atribui a si mesmo a ideia de “bom”. Por outro lado, o forte entende que ele está na condição de “bom” e assim intitula o fraco, que se mostra diferente dele, como “ruim”. Nota-se que o fraco só consegue afirmar-se negando aquele a quem não consegue se igualar (AZEREDO, 2003).

Negação e oposição: essa é a lógica da moral do ressentimento. Aqui, força e maldade confundem-se. O ressentido avalia, antes de tudo, as ações e julga os homens em decorrência. Privilegiando o interesse geral e duradouro, em detrimento do particular e efêmero, comporta-se como “indivíduo coletivo” (MARTON, 2009, p. 191).

O tipo escravo, não possuindo impulsos que possam elevá-lo acima da coletividade, opta por uma moral que generalize ao invés de particularizar. Aqui, a generalização não é mais do que uma reação de medo diante da diferença. Torna-se nítido, frente aos dominados, um sentimento de autodefesa, expresso claramente na coletividade – o rebanho.

A moral de escravos, consonante a Nietzsche, é, por conseguinte, uma moral de autodefesa, cuja caracterização se evidencia em suas avaliações. Avaliam como bom o que favorece à coletividade e como mau aquilo que a ameaça (AZEREDO, 2003, p. 77).

Nietzsche afirma que esse tipo de homem ressentido, “o animal doméstico, o animal de rebanho, o animal doente homem – o cristão” (NIETZSCHE, 2007, p. 11) torna-se necessariamente um homem dependente, não conseguindo jamais se colocar como finalidade. Sem ter oportunidades de colocar finalidades a partir de si mesmo, ele se desumaniza, passando a ser domesticado, tornando-se um “animal de rebanho”, quando deveria ver-se como referência.

2 AFIRMAÇÃO DA VIDA COMO SUPERAÇÃO DO CRISTIANISMO

2.1 A FORÇA DO SUPER-HOMEM

Nietzsche, ao escrever *Assim falou Zaratustra*, anuncia o super-homem como o sentido da Terra. O homem antigo deve ser superado e, junto com ele, suas morais, suas decadências e toda metafísica. O super-homem está para além de bem e mal, como aquele que afirma seus valores para uma vida sem refúgios, sem fugas metafísicas.

O super-homem difere do último homem em todos os sentidos. A começar pela exclusão de todos os valores que criam tipos humanos fracos, que odeiam este mundo e esta vida, que se colocam como ressentidos diante dos fortes. Nietzsche não poupa críticas para estes que se acomodam na passagem da vida, sem esforço ou vontade de exercer a autonomia.

Eles se acham friamente sentados na fria sombra: querem ser apenas espectadores em tudo, e evitam sentar-se ali onde o sol queima os degraus. Como os que ficam parados na rua e olham boquiabertos para a gente que passa: assim aguardam eles também, e olham boquiabertos para os pensamentos que os outros pensaram. (NIETZSCHE, 2011, p. 119).

Esse tipo humano fraco não consegue prosperar pelo fato de não conseguir desapegar das velhas tábuas de valores, sem as quais a vida na terra se tornaria insuportável. Esses, afirma Nietzsche, são os tipos decadentes, metafísicos, dominados de toda forma: “[...] em suma, o *instinto de fraqueza* que, é verdade, não cria religiões, metafísicas, convicções de todo tipo – mas as conserva” (NIETZSCHE, 2001, p. 240). Todos estes conservam a tradição metafísica em sua necessidade de se apoiarem em algo firme, tão firme quanto suas crenças, seus artigos de fé.

Nietzsche denomina esse tipo de homem, intitulado “último homem”, o homem “mais desprezível dos homens”, aquele que tudo torna pequeno, o “pulgão inextinguível” (NIETZSCHE, 2011, p. 18), aquele que não sabe o que é criar, tão distante do super-homem. Ele é o homem do conforto, o homem que, não sendo criador, mantém a velha tábua de valores.

Já o super-homem, anunciado por Nietzsche, mostra-se pela força, admitindo a dor e a morte, sem se esconder na fraqueza de um otimismo superficial. O super-homem é forte porque enfrenta sua fraqueza e a supera vivendo com intensidade a

vida até o último momento de sua existência, ainda que tenha que conviver com a realidade da morte

No primeiro discurso de Zaratustra, intitulado “Das três metamorfoses”, destaca-se uma transformação no homem de modo a aprimorar sua liberdade e sua autonomia. “Três metamorfoses do espírito menciono para vós: de como o espírito se torna camelo, o camelo se torna leão e o leão, por fim, criança” (NIETZSCHE, 2011, p. 27).

O camelo significa o homem da grande veneração, que se inclina diante da dominação, que se coloca sob toda lei moral imposta a ele, que se abaixa e suporta o fardo pesado (AZEREDO, 2011). No discurso de Zaratustra, esse homem não busca alcançar uma vida fácil, e acaba por se conformar com o peso da vida cotidiana. Ele quer tarefas e mandamentos pesados e severos que não são fáceis de cumprir, mesmo que isso venha a oprimi-lo. Uma vez que se torna prisioneiro num mundo de valores pré-determinados, coloca-se servilmente ao mandamento do “Tu deves”.

O camelo é a figura do homem decadente, um animal que simplesmente venera, que sente necessidade de humilhar-se para suportar a vida. A vida para ele é vivenciada e vista de baixo, de joelhos. “Não é isso: rebaixar-se a fim de machucar sua altivez? Fazer brilhar sua tolice, para zombar de sua sabedoria?” (NIETZSCHE, 2011, p. 27). Trata-se de um espírito de carga, que tem que suportar uma carga que ele mesmo reclama. “Há muitas coisas pesadas para o espírito, para o forte, resistente espírito em que habita a reverência: sua força requer o pesado, o mais pesado” (NIETZSCHE, 2011, p. 27).

Porém, mesmo diante de seu grande deserto, o camelo é capaz de transformar-se. Nietzsche narra a segunda metamorfose:

Todas essas coisas mais que pesadas o espírito resistente toma sobre si: ao camelo que ruma carregado para o deserto, assim ruma ele para o seu deserto. Mas no mais solitário deserto acontece a segunda metamorfose: o espírito se torna leão, quer capturar sua liberdade e ser senhor em seu próprio deserto (NIETZSCHE, 2011, p. 28).

O camelo, que se encaminha apressadamente para o deserto, sofre ali precisamente a sua transformação em leão. O espírito respeitoso e obediente transforma-se em leão, isto é, nega agora os fardos que o oprimem, luta contra essa força tomando consciência de sua alienação. O homem cria para si a liberdade; faz

livre a liberdade que dormia nele até então, superando a fase da vida submissa regida por uma moralidade posta de antemão.⁷

O leão tem a tarefa de desmascarar os valores e ideais impostos até então. “Para desmascarar se faz necessária a força do leão, seu rugido de ruptura com tudo o que aprisiona o indivíduo aos pesados deveres ante os quais é necessário ajoelhar-se” (CRAGNOLI, 2011, p. 32). Se o camelo corresponde ao espírito de carga, o leão aparece para desvencilhar-se dos fardos.

Contudo, essa liberdade adquirida pelo leão, que é capaz de dizer não, que nega a moral e seus mandamentos impostos, que nega toda metafísica, ainda não chega ao seu auge. Essa liberdade ainda se mostra de forma negativa, pois diz de uma “liberdade de”, mas ainda não “liberdade para”. O leão opõe-se claramente ao “Tu deves”, que denomina o camelo, pois ele afirma o “Eu quero”⁸. Todavia, a mera ruptura não basta, faz-se necessária a força que permite criar, força da qual necessita o leão, ainda ocupado no “não”, na negação de suas prisões. Nota-se a ausência da criação (CRAGNOLI, 2011).

Mesmo na segunda transmutação do espírito, o criar permanece distante do simples prazer de fazê-lo, isto é, do exercício espontâneo de criar valores, de doar sentidos: “Criar novos valores – tampouco o leão pode fazer isso; mas criar a liberdade para nova criação – isso está no poder do leão” (NIETZSCHE, 2011, p. 28).

Eis que o filósofo anuncia a criação. Somente a criação possui essa inocência, a possibilidade de criação, a possibilidade de assumir o mundo como um jogo⁹. Para a criação, nenhum jogo é o último ou verdadeiro para além do momento e das circunstâncias em que o está jogando.

Inocência é a criação, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim. Sim, para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer-sim: o espírito quer agora sua vontade, o perdido para o mundo conquista seu mundo (NIETZSCHE, 2011, p. 29).

⁷ Cf. FINK (1983), O super-homem e a morte de Deus.

⁸ Cf. NIETZSCHE (2011) Das Três Metamorfoses.

⁹ “Nietzsche invoca na metáfora do ‘jogo’ a natureza original e verdadeira da liberdade como criação de novos valores e de mundos de valores. O jogo é a natureza da liberdade positiva. Com a morte de Deus, torna-se manifesto o caráter lúdico e arriscado inerente à existência humana. O espírito criador do homem reside no jogo” (FINK, 1983, p. 77).

Em sua inocência, a criança se torna livre de todas as interpretações morais, pois ela não busca finalidades; ela vive a liberdade da vontade, sem restrições. Nesse caso, sem finalidade e sem responsabilidade, ela vive a condição do “vir-a-ser”, na autonomia de criação, como se vivesse em um jogo, podendo a cada momento viver a liberdade de começar de novo (AZEREDO, 2011).

Nessa perspectiva, Nietzsche busca alguém capaz de viver essa condição de vir-a-ser e se colocar na possibilidade de a todo momento começar de novo. Na figura da criança, Nietzsche evidencia o super-homem. O homem terá de estar para além de todo o bem e o mal, terá de se colocar para além do homem criatura, para além das interpretações moralistas que o cercam. Eis que esse homem, para Nietzsche, revela-se como um super-homem.

O homem é algo que deve ser superado. [...] Todos os seres, até agora, criaram algo acima de si próprios: e vós quereis ser a vazante dessa grande maré, e antes retroceder ao animal do que superar o homem? Que é o macaco para o homem? Uma risada, ou dolorosa vergonha. Exatamente isso deve o homem ser para o super-homem: uma risada, ou dolorosa vergonha. [...] O super-homem é o sentido da terra. Que a vossa vontade diga: o super-homem seja o sentido da terra! (NIETZSCHE, 2011, p. 13-14).

2.2 SIM À VIDA: REFLEXO DO ESPÍRITO DIONÍSIACO

Em vez de esperar que um poder transcendente justifique o mundo, o homem, na filosofia nietzschiana, tem de dar sentido à própria vida. Se a visão do cristianismo trouxe como consequência a sensação de que “nada tem sentido”, “tudo é em vão”, trata-se agora de mostrar que a visão cristã não é a única interpretação do mundo, porém só mais uma.¹⁰

Nietzsche afirma que se faz necessário amar a vida sem limites, negando todo pensamento metafísico. É preciso estar em sintonia com os sentidos, os impulsos, os afetos; negar tudo o que até então se venerou e afirmar tudo o que até então se negou. Eis a chegada do super-homem. A vida não está para o homem, mas, antes, é o homem que está para a vida; o homem deve, portanto, colocar sentido na sua existência e não ao contrário.

¹⁰ Cf. MARTON (2009). O eterno retorno do mesmo.

Enquanto um tipo dionisíaco, o super-homem sabe suportar a dor e o sofrimento do mundo. Ele afirma a vida nas condições mais adversas porque ama lutar, ama crescer, ama sua vida. O super-homem não se deixa guiar pela filosofia metafísica do outro mundo, pela busca da perfeição, pela busca da vida no além. Nietzsche expressa o sentido da vida:

Não, a vida não me desiludiu! A cada ano que passa eu a sinto mais verdadeira, mais desejável e misteriosa [...] e não um dever, uma fatalidade, uma trapaça! E o conhecimento mesmo: para outros pode ser outra coisa, um leito de repouso, por exemplo, ou a via para esse leito, ou uma distração, ou um ócio – para mim ele é um mundo de perigos e vitórias, no qual também os sentimentos heroicos têm seus locais de dança e de jogos. “A vida como meio de conhecimento” – com este princípio no coração pode-se não apenas viver valentemente, mas até viver e rir alegremente! (NIETZSCHE, 2001, p. 215).

Não causa surpresa que Nietzsche se diga “um discípulo do filósofo Dionísio” (NIETZSCHE, 2009, p. 15). Ele reivindica a necessidade de destruição, mudança e vir-a-ser. Quer afirmar o mundo e a vida tal como eles se apresentam, “como gozo da força procriadora e destruidora, como criação contínua” (NIETZSCHE apud MARTON, 2009, p. 66).

2.3 AMOR *FATI*, O ETERNO SIM AO DESTINO

Nietzsche, na figura do super-homem, afirma o vir-a-ser, o constante sim à vida e à sua natureza, aceitando tudo que dela brotar. Inspirado no espírito dionisíaco, o super-homem é aquele que ama e vive cada instante da vida.

Dentro de sua filosofia ele fornece um imperativo para a ação: o de só querer algo de forma a também querer que retorne sem cessar e, com isso, remete à noção de amor *fati*¹¹, o amor ao destino.

Nem conformismo, nem submissão passiva: *amor*; nem causa, nem fim: *fatum*. Converter o impedimento em meio, o obstáculo em estímulo, o adversário em aliado, é afirmar, com alegria, o mundo do vir-a-ser (MARTON, 2009, p. 133).

¹¹ “Amor *fati* é uma expressão que Nietzsche emprega na *Gaia ciência*, no parágrafo 276, e que continuará a empregar para designar a sua atitude e a sua afirmação fundamental em face da existência e do mundo” (ALMEIDA, 2005, p. 168).

Desta forma, a metafísica é a perspectiva de quem não ama esta vida terrena, ou seja, a perspectiva de quem a nega. A metafísica somente existe para aqueles que não amam seu destino, sua própria vida. Por isso Nietzsche afirma o amor *fati*, amor ao destino¹².

Amar o “que passa”: horror da metafísica que busca o eterno por medo da vida. Amar “o instante”: dor da metafísica que o considera permutável, superável. Amar o que traz o acaso, *amor fati* que abraça a vida em todos os seus aspectos, mesmo os mais terríveis (CRAGNOLI, 2011, p. 36).

Afirmando esse pensamento, Nietzsche afirma o amor à vida como ela é, ainda que com os sofrimentos. Não se trata de amar o sofrimento, mas a vida que não existe sem ele. Assim, o próprio viver é amor *fati*. O filósofo insiste que se viva intensamente a vida terrena. Viver cada instante do dia com toda a intensidade de vida que o homem pode fazer, eis que se mostra a sublimidade do amor *fati*, ser um eterno afirmador da vida. Eis o amor de Nietzsche.

Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: – assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas. *Amor fati* [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja *desviar o olhar!* E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim! (NIETZSCHE, 2001, p. 187-188).

O amor *fati* é um sim, não é negação, nem indiferença; é um querer. Ele diz de uma vontade de pertencimento ao mundo, uma vontade que deseja realizar a vida mesmo com suas dificuldades, problemas ou adversidades. Dizer sim à vida, da forma como ela se apresenta.

Minha forma para a grandeza no homem é *amor fati*: nada querer diferente, seja para trás, seja para frente, seja em toda eternidade. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo – todo idealismo é mendacidade ante o necessário – mas *amá-lo*[...] (NIETZSCHE, 2009, p. 49).

Afirma Nietzsche em seu Zaratustra: “permanecei fiéis à terra” (NIETZSCHE, 2011, p. 14). Este seria, para Nietzsche, o autêntico espírito livre do super-homem, edificado por sua autonomia e liberdade.

¹² O *fatum* é a palavra latina utilizada por Nietzsche para se referir ao destino.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. M. **Nietzsche e o paradoxo**. São Paulo: Loyola, 2005.

AZEREDO, V. D. As transmutações do espírito no Zaratustra de Nietzsche. In: DIAS, R.; VANDERLEI, S.; BARROS, T. **Leituras de Zaratustra**. Rio de Janeiro: Mauad, 2011. p. 125-145.

_____. **Nietzsche e a dissolução da moral**. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Unijuí, 2003.

CRAGNOLINI, M. B. Como introdução à leitura de Assim falou Zaratustra. In: DIAS, R.; VANDERLEI, S.; BARROS, T. **Leituras de Zaratustra**. Rio de Janeiro: Mauad, 2011. p. 112-123.

FINK, E. **A filosofia de Nietzsche**. Tradução: Joaquim Lourenço Duarte Peixoto. Lisboa: Editorial Presença, 1983.

LEFRANC, J. **Compreender Nietzsche**. Tradução: Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2005.

MARTON, S. **Extravagâncias, ensaios sobre a filosofia de Nietzsche**. 3. ed. São Paulo: Discurso Editorial; Barcarolla, 2009.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Além do bem e do mal**: prelúdio de uma filosofia do futuro. Tradução: Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Ecce Homo**: como alguém se torna o que é. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

_____. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

_____. **O anticristo**: maldição ao cristianismo. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PASCHOAL, A. E. **Nietzsche e a autossuperação da moral**. Ijuí: Unijuí, 2009.

RUBIRA, L. **Nietzsche**: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores. São Paulo: Discurso Editorial; Barcarolla, 2010.

VASQUES, J. Uma interpretação de Das cátedras da virtude como alegoria para o niilismo moderno. In: DIAS, R.; VANDERLEI, S.; BARROS, T. **Leituras de Zarathustra**. Rio de Janeiro: Mauad, 2011. p. 93-122.